

## **PROLOGO<sup>1</sup>**

O enfoque que guia esta obra, que tenho o prazer de comentar, contem uma perspectiva dupla que se complementa mutuamente. Por um lado, o livro apresenta ao leitor a compreensão das relações que se estabelecem entre as praticas físicas, o gênero e a identidade corporal, indagando de uma maneira critica suas manifestações, contribuições e interrogações. Por outro lado, e através dos conhecimentos que abordam seus diferentes capítulos, o texto contribui decisivamente para a complexa tarefa de incitar e orientar o saber prático docente que integre e atenda, a partir de uma perspectiva de gênero, as situações, manifestações e continuas relações e interações de gênero que surgem e estão presentes no dia-a-dia das aulas de educação física. Ressalto também, a sensibilidade e ao mesmo tempo a rigorosidade com as quais ambos os propósitos se relacionam na obra, adotando uma constante perspectiva educativa e didática.

Nas relações entre o corpo, as atividades físicas e o gênero, a construção da identidade corporal durante os primeiros anos da vida supõem para as meninas e meninos um processo em que se assume e que naturaliza progressivamente a diferença através dos corpos. Corpos biologicamente diferentes, corpos *sexuados*, que aprendem a serem corpos socialmente diferentes, *corpos generificados* dentro dos modelos e representações de masculinidade e feminilidade difundidas por formas culturais presentes em cada sociedade e em cada época. Em outras palavras, *aprender a ser menina e aprender a ser menino* constituem um processo diferenciado dentro do qual o estabelecimento das normas socialmente aceitas sobre, por exemplo, o que e como sentir seu corpo, as práticas corporais e físicas que *devem* se realizar, as expressões e manifestações corporais que são *adequadas*, com o valor social que lhes concedem, seguem caminhos diferentes para os meninos e para as meninas e, definitivamente, conduzem de

---

<sup>1</sup> Traduzido generosamente pela profa. Sabrina Teixeira

maneira diferente, e igualmente restritiva para ambos em muitos casos, suas relações com as atividades físicas, corporais e esportivas.

Neste processo de socialização, a escola adquire um papel importante. Pode ser um lugar em que se reflitam e mantenham as desigualdades e diferenças de gênero ou pode ser um lugar de mudanças na direção de uma maior equidade. É certo que nos últimos anos o desenvolvimento de políticas e normas de igualdade entre os homens e mulheres por meio da educação recebeu notável impulso em diferentes países. Mas também é certo afirmar que ainda não se encontram firmemente consolidadas práticas educativas, a partir do princípio da equidade, que contribuam para atenuar as desigualdades de gênero nas atividades físicas e esportivas presentes no nosso contexto sociocultural. Contudo, existe um amplo acordo em se considerar a escola como um espaço adequado para se implementarem políticas, ações e intervenções que contribuam para a equidade de gênero na educação e, no que compete a este livro, na Educação Física escolar. Fruto desta consideração tem sido a incorporação nos currículos escolares dos chamados *temas transversais* – o que é o caso do Brasil e da Espanha -, nos quais as questões de gênero são comumente agrupadas e costumam ser tratadas, em muitos casos, em torno da denominação de *coeducação*.

Desta forma, a Educação Física escolar é um espaço apropriado de intervenção para refletir, observar e contribuir para relações de gênero mais equitativas, favorecendo que tanto os meninos, como especialmente as meninas, estabeleçam e mantenham vínculos e sentimentos afetivos positivos com seu corpo, as atividades físicas e com o exercício físico. Para tal, deve ser capaz de reinventar experiências corporais, inclusivas e gratificantes, e oferecer um espaço dentro do currículo para experiências e interesses em áreas tão distintas quanto necessárias, como o prazer, a saúde, a auto-estima, o auto-conceito ou a sexualidade.

O livro que temos em mãos aborda estas questões, e acertadamente nos introduz, com grande sensibilidade, nas relações que se estabelecem entre o gênero e a *corporeidade*, integrando o acervo histórico-social como um elo de interpretação cultural de nosso presente para incitar e projetar alternativas de futuro. Além do enfoque inovador e interesse deste livro o leitor encontrará também as contribuições que sustentam a estrutura desta obra, que se organiza em torno de três grandes partes que apresento a seguir.

A primeira parte, *Contribuições histórico-sociais*, é uma aproximação, a partir de diferentes perspectivas, dos aportes histórico-sociais da Educação Física e da educação corporal.

Nesta aproximação, e no primeiro capítulo, Sandra Unbehaum analisa e justifica a Educação Física como o espaço de promoção da igualdade de gênero e dos direitos humanos, incorporando uma correta diferenciação entre as pedagogias da *igualdade* e as pedagogias da *diferença*. Através de uma excelente revisão crítica dos Parâmetros Curriculares Nacionais, avaliza o potencial da área para a desconstrução de estereótipos sobre as competências corporais que reforçam as desigualdades de gênero, estendendo sua influencia também aos meninos, e ressalta o papel do professorado neste processo. Sua contribuição consegue instigar o educador, conforme seu objetivo, a construir uma nova ética não discriminatória das relações humanas nas aulas de Educação Física.

No segundo capítulo, André Luiz dos S. Silva e Silvana Vilodre Goellner nos introduzem ao apaixonante tema das doutrinas e ideologias vinculadas ao corpo. Tomando como base os trabalhos de Renato Kehl (1917-1929), os autores indagam as conexões que se estabelecem na obra entre a eugenia e a Educação Física, demonstrando como o saber científico determina práticas e educa corpos humanos, em todas as épocas. A análise mostra com grande rigor e precisão as representações corporais, representações da masculinidade, *corpos masculinos*

*escolhidos*, e a sua construção através da Educação Física seguindo os pressupostos preconizados pela eugenia.

O terceiro capítulo, elaborado por Renata Pascotti Zuzzi e Jorge Dorfman Knijnik, nos conduz ao longo de um interessante caminho iluminado pela perspectiva de gênero, pelo percurso que seguiu a história da Educação Física e da corporeidade. Os autores identificam os aspectos chave que vem guiando as práticas corporais e o exercício físico no decorrer da história da Educação Física, nos valores que eles resultaram e nas diferenças de gênero que se justificaram a partir das diferenças sexuais, colocando também em destaque com grande acerto o papel que a família estabelece na organização e controle dos corpos infantis. Compreendendo este passado, sua contribuição sobre a diferença entre as aulas mistas – aulas coeducativas permite aos educadores interpretar e recorrer ao caminho do presente a partir de uma nova perspectiva mais igualitária da Educação Física escolar.

A segunda parte do livro, *Meninas na Educação Física*, dirige seu olhar para as meninas e se completa com uma terceira parte, *Meninos na Educação Física*, onde o centro das atenções se dirige aos meninos. Conjugando este duplo olhar é outro dos grandes acertos desta obra, já que evita a tendência mais generalizada que enfoca as análises e estudos de gênero segregadamente sobre as mulheres, e contrariamente, converte em protagonistas ambos, tanto as meninas como os meninos.

Assim, a segunda parte se inicia com o quarto capítulo assinado por Patrício Casco que, com um relato fácil e ameno, impregnado de um grande cabedal de experiência docente, nos conduz a uma melhor compreensão dos meninos e das meninas nas aulas de Educação Física, falando-nos de quais são seus desejos, como se comportam e em que consistem suas atividades, para a seguir nos imbuir com as práticas que observamos na escola e suas contradições. Sua

análise sobre o equilíbrio dos jogos resulta especialmente relevante e esclarecedora, e propicia uma reflexão profunda sobre como a Educação Física tem de intervir, através de suas propostas, dentro de um modelo educativo de inclusão que permita a participação, evitando as desigualdades e diferenças de gênero.

No quinto capítulo, Fabiano Davide, Fabiane Rodríguez Lima, Renata Silva Batista e Felipe Saint Just Rodríguez ampliam a compreensão sobre a participação das meninas na Educação Física escolar fazendo um traçado inovador que, centrado nas meninas, estuda os mecanismos intra-sexo dentro de grupos femininos na escola. Os autores apresentam os resultados de um interessante trabalho de investigação realizado nas aulas de Educação Física onde, a partir de um desenho etnográfico, e utilizando a observação participante sistematizada, identificam e caracterizam as práticas e manifestações de exclusão geradas entre as próprias meninas durante os tempos de aula autogeridos, contribuindo para iniciativas de uma Educação Física escolar inclusiva orientada a partir de uma intencionalidade coeducativa.

Elaine Romero nos mostra no sexto capítulo uma pesquisa cujo grande interesse é colocar em pauta o ponto de vista dos próprios estudantes, meninas e meninos entre 10 e 12 anos. A partir de um desenho qualitativo, dentro de uma perspectiva hermenêutica interpretativa, utilizando a análise de conteúdo sobre questionários abertos, a autora nos aproxima do pensamento dos estudantes, suas opiniões e crenças, constatando como nesta idade se manifesta o conjunto de representações e estereótipos de gênero vinculados com as atividades físicas e práticas corporais e como as percepções das meninas sobre os meninos, e destes sobre elas, não só variam substancialmente como também se identificam com os arquétipos tradicionais que relacionam as condições “feminina” e “masculina” com as atividades físicas, corporais e esportivas.

Na terceira parte do livro, centrada nos meninos, o sétimo capítulo expõem o trabalho de Maria Cristina Cavaleiro e Claudia Vianna. As autoras, por meio de um rigoroso processo de análise a partir de uma perspectiva crítica, aprofundam as relações que se produzem entre o gênero e a sexualidade, explicando suas manifestações através da Educação Física. Assim, estabelecem as conexões entre as aprendizagens vinculadas com o corpo e aos valores de masculinidade e feminilidade, suas relações com a identidade sexual e as implicações que supõem a transgressão da orientação sexual. Além disso, a contribuição deste capítulo se faz patente no seu enfoque sobre a diversidade que caracteriza as práticas educativas e a necessária e contínua construção do currículo que estas exigem, contribuindo para isto em um conjunto de interessantes alternativas.

Marcelo Moraes e Silva e Maria Rita de Assis César são os autores do oitavo capítulo. Nele apresentam os resultados de uma investigação cujo atrativo central reside em dirigir o centro das atenções para o corpo docente, integrando sua perspectiva sobre como as práticas de Educação Física contribuem para a produção (e reprodução) das masculinidades. Com um desenho qualitativo demarcado em uma perspectiva de investigação interpretativa, utilizando como técnica o questionário e a entrevista, os autores indagam o pensamento das professoras e professores de Educação Física, mostrando suas percepções em relação à masculinidade normalizada e sua concepção sobre outras possíveis formas de masculinidades, interpretando as resistências que observam a transgressão das relações de gênero nas atividades físicas e analisando a estigmatização que assinam os transgressores da normalidade assim como a evidência de manifestações homofóbicas.

O nono e último capítulo, que encerra esta obra, e elaborado por Camila Tenório Cunha, nos aproxima do jogo motor espontâneo dos meninos e das meninas, desenvolvendo um estudo interessante de tipo etnográfico, baseado principalmente na observação das manifestações do jogo infantil. A análise e interpretação destas manifestações constata como os jogos

espontâneos continuam representando um meio pelo qual se desenvolve e aprimora a aprendizagem social de gênero, com seus matizes intra-gênero. A autora comprova como se definem os jogos “espaços, palavras e ritmos” diferentes para os meninos e meninas, ainda que também observe traços de evolução nas representações “masculinas” e “femininas” de determinados jogos e atividades, sobretudo para as meninas. Pontuando como o educador pode converter-se num agente de cultura, o capítulo tece considerações dirigidas ao professorado no sentido de promover um maior intercâmbio de experiências entre os gêneros e as práticas, tanto guiadas como espontâneas, que acontecem nas aulas de Educação Física.

A diversidade de perspectivas que se apresentam nos diferentes capítulos desta obra, organizados dentro de uma estrutura coerente, configuram finalmente um texto rigoroso e inovador que constitui uma excelente contribuição aos estudos do gênero na Educação Física. Além disso, seu caráter didático, demonstrado na vertente prática de aplicação na escola, representa uma ajuda significativa aos professores e professoras para conhecer e interpretar as relações de gênero nas aulas, proporcionando uma melhor compreensão do problema e orientando possíveis linhas de intervenção nas aulas de Educação Física. Espero que os leitores aproveitem deste livro assim como eu o fiz.

**Dra. Emilia Fernandez Garcia**

Facultad de Educación - C.F.P. Universidad Complutense de Madrid - Espanha.